

Prefácio à 2ª edição

O Relato do Peregrino

Um Livro muito especial. Santo Inácio não o escreve, dita-o. Não se trata de uma Biografia literariamente trabalhada e completa. Também não é um livro de memórias, mas de um coração aberto, lúcido e agradecido que conta a sua história. É uma história com Deus, um desafio de luta e entrega, uma larga e aventureira peregrinação interior e exterior, em constante diálogo de Graça e Liberdade que conduziu o narrador, Inácio de Loiola, desde a sua Conversão (teria então uns 30 anos) até um ou dois anos antes da sua morte (1556, aos 65 anos), então Superior Geral da Companhia de Jesus, já fundada em 1540, em Roma.

Os seus Companheiros e em especial o Pe. Nadal tinham insistido muito com ele para que deixasse escrita a sua vida, vida do fundador como alicerce, documento essencial à fundação e desenvolvimento da Companhia. Mas Inácio tinha sempre presente que não fundara sozinho. Resistiu primeiro longamente até que *num particular*

*momento de luz interior e devoção se determinou fazê-lo, tendo escolhido o Pe. Luís Gonçalves da Câmara para o ouvir e escrever o testemunho da sua vida. Faziam-no passeando. O processo foi longo, com frequentes adiamentos e largas interrupções para atender a afazeres mais urgentes. Inácio foi relatando o percurso daquele *Peregrino*, apaixonado buscador da vontade de Deus; e assim se identificando, foi falando dele mesmo com toda a objectividade, em terceira pessoa. Começa o texto: «*Até aos 26 anos foi homem entregue às vaidades do mundo e principalmente se deleitava no exercício das armas e vão desejo de ganhar honra*». E termina: «*O método que tinha para redigir as Constituições era dizer missa cada dia, apresentar a Deus o ponto que tratava e fazer oração sobre ele. E sempre fazia a oração e dizia missa com lágrimas*».*

O Relato do Peregrino tem um sabor bíblico: é uma história de salvação comunicada aos vindouros por tradição oral. E podemos entrar nele, mais do que contemplando um auto-retrato, como quem abre um álbum de fotografias que permite visualizar e comentar uma vida, um percurso de comunhão e missão, à maneira dos discípulos de Emaús. Santo Inácio conta a história de como Deus o conduziu e, levando-o pela mão como um mestre ao seu discípulo, o fez entrar no seu inson-

dável mistério e dar resposta à questão que desde sempre ardia no seu coração: «que fazer?».

Assim se desdobra também diante do leitor um desafio a que não se pode ser indiferente: *que fiz, que faço, que farei por Ti?* É o Exame de Consciência inaciano.

Ao desfolhar esse álbum, cada um pode ver com simplicidade os Exercícios Espirituais a tomarem corpo nas variadas formas, pessoais e comunitárias, em que a espiritualidade inaciana se pode concretizar. Aliás, o exercício de escrever (e contar) a própria Autobiografia é hoje aconselhado como ponto de partida para uma saudável pedagogia da fé, para quem quiser ir mais longe na realização discernida da sua vocação e na alegria de se reconhecer como «um filho muito amado».

O emotivismo individualista com que a sociedade e a cultura ocidental nos envolvem deixam-nos sem sentido de pertença e sem objectivos. Mas Santo Inácio, pioneiro num tempo de tão grande crise como foi o seu, neste livrinho, aponta-nos um caminho de reencontro e libertação. Ser peregrino. Em vez de andar por aí como turista iludindo a vida com «presentismos» precários, no reino do desencanto. Não é por aí. Mas, na esteira dos grandes peregrinos, desde Abraão e Moisés a S. Paulo, passando por Teresa de Ávila, Pedro Arrupe e tantos outros, a voz é sempre a

mesma: «*sai da tua terra, sai da tua escravidão e vai. Vem! Aonde eu te indicar*».

No final da sua vida, Santo Inácio não se sentou à lareira desfiando as suas memórias. Mas, consciente de onde a sua peregrinação o tinha levado, passeia reconciliado e, olhando para trás, interpreta a sua vida à luz paciente do amor de Deus. E relatando-a revelou aos seus amigos e companheiros o fio por onde esse mesmo amor, através de múltiplas tensões e tentações, venturas e desventuras, o conduziu.

Pode então dizer-se que a Autobiografia inaciana é um exemplar exercício espiritual para quem quiser, na alternância de consolações e desolações, entender a história de Deus consigo e os caminhos por onde o desafia.

Vasco Pinto de Magalhães, s.j.

ALGUMAS NOTAS PRÉVIAS

Primeira – Em traduções de textos antigos, como acontece com a desta Autobiografia (no caso, espanhol e italiano do século XVI), apresentam-se duas opções (ou porventura outras). *Primeira*: tentar «modernizar» a maneira de escrever da época em questão. *Segunda*: conservar o estilo e a maneira de falar, ainda que, evidentemente, com as «adaptações» necessárias à compreensão do texto.

Nós optámos pela segunda, por nos parecer que isso corresponderia melhor ao espírito do texto, tal qual ele foi escrito, dentro de determinada época e mentalidade.

Segunda – A designação de *Autobiografia* dada à narração que Santo Inácio fez da sua vida, foi dada pela primeira vez por J. F. O'Connor em Nova Iorque, em 1900, tendo sido seguido por outros na Alemanha, Espanha e Itália.

Terceira – As 13 *Adições* feitas pelo P. Gonçalves da Câmara devem ter sido acrescentadas mais

tarde. Infelizmente, nem nos arquivos de Portugal nem da Itália foi encontrado texto original. As *Adições* serão postas sempre entre colchetes e em itálico, para as distinguir do resto do texto.

Quarta – Não podemos duvidar do *valor histórico* da Autobiografia. Por várias afirmações do P. Luís da Câmara, sabemos que ele foi absolutamente fiel ao que ouviu de Santo Inácio, não só pela excelente memória que tinha (segundo testemunha o P. Nadal), mas também pelo rigor que pôs em reproduzir o que Santo Inácio lhe disse e como lho disse. Diz-nos ele: «*He trabajado de ninguna palabra poner, sino las que he oído al Padre*» («Esforcei-me por escrever somente as palavras que ouvi ao Padre»).

INTRODUÇÃO¹

Dá-se com toda a justiça o nome de **Auto-biografia** (ainda que ao longo da história tenha aparecido sob outras designações), ao relato que Santo Inácio fez da sua vida ao P. Luís Gonçalves da Câmara². Santo Inácio não escreveu as suas memórias de sua própria mão, mas a reprodução das suas palavras é tão fiel, que é como se ele as

¹ Resumo da que escreveu o P. Cândido Dalmases S.I., para a edição da Autobiografia, nas *Obras Completas de Santo Inácio*, BAC, 1952. Usaremos a reedição desta obra feita em 1997, com as respectivas notas, completadas com as do P. Larrañaga, BAC, 1947.

² O P. Luís Gonçalves da Câmara nasceu, em Lisboa, por volta do ano 1519 e morreu em 1575. Entrou na Companhia de Jesus em Lisboa, no dia 27 de Abril de 1545. Chegou a Roma a 23 de Maio de 1553, onde recebeu o cargo de Ministro da casa, e aqui permaneceu até Outubro de 1555, data em que saiu para Portugal. Voltou em 1558, já depois da morte de Santo Inácio, para participar na primeira Congregação Geral, na qual foi eleito assistente de Portugal. Em 1559, teve que regressar à sua pátria, a pedido da Corte Portuguesa, para se encarregar da formação do rei D. Sebastião.

tivesse escrito. O P. Câmara e outros historiadores dizem que Santo Inácio as ditou e que o seu confidente as tomou dos seus lábios; expressões estas que nos revelam que este relato, ainda que traçado por pena alheia, conserva toda a espontaneidade de uma verdadeira autobiografia.

Santo Inácio, nos seus últimos anos, concretamente entre 1553 e 1555, acedendo aos reiterados pedidos dos seus filhos, decidiu finalmente referir-lhes o percurso da sua vida, mas não de toda. O relato vai somente até ao ano de 1538, quando o governador de Roma concedeu sentença favorável em seu favor e dos seus companheiros³. A partir desta data, só temos algumas breves notas sobre as obras de apostolado fundadas ou promovidas pelo Santo em Roma e uma breve indicação sobre o modo como escreveu os *Exercícios* e as *Constituições*.

Porque é que Santo Inácio terminou aqui a sua narração? É possível que tenha sido porque o resto da sua vida era perfeitamente conhecido pelos seus companheiros. Mas a razão principal deve buscar-se na rápida partida do confidente, P. Câmara, no dia 23 de Outubro de 1555. No prólogo que este escreveu (ver adiante) lemos como quis aproveitar até às últimas horas da sua

³ Ver n. 98 desta Autobiografia.

permanência em Roma, mas a partida impediu-o de continuar. Embora seja de lamentar que o relato autobiográfico não se tenha prolongado até aos últimos anos da vida do santo, aquilo que nos deixou é de capital importância para conhecer a evolução interior de Santo Inácio e a génese da Companhia de Jesus.

A **Autobiografia** é o fruto do natural desejo que sentiram os mais íntimos colaboradores de Santo Inácio de conhecer os pormenores da vida do seu pai espiritual. Em 1546, o jovem Ribadeneira⁴ mostrou desejos de escrever a vida do fundador. Um ano mais tarde, o P. João de Polanco pediu ao P. Diogo Laínez que lhe revelasse os factos da vida de Santo Inácio, que ele conhecia muito bem.

Mas entre todos os que desejaram conhecer a vida do santo, distingue-se o P. Nadal que teve a coragem de se dirigir directamente ao fundador,

⁴ Pedro Ribadeneira, espanhol (Toledo, 1.12.1526-Madrid, 22.9.1611). Em Roma, foi pajem do cardeal A. Farnesse. Em 18 de Setembro de 1540 entrou para a Companhia. Ordenado sacerdote em 1553, foi enviado para a Bélgica, em 1555, para aí fundar a Ordem. Foi provincial da Etrúria, comissário na Sicília, assistente do geral e superior dos jesuítas em Roma. Regressando a Espanha em 1570, dedicou-se a escrever. Pela sua linguagem límpida e castiça, é considerado um dos clássicos da língua castelhana.

pedindo-lhe que contasse a sua vida. Pode-se assegurar que se hoje temos a **Autobiografia**, o devemos ao P. Nadal. Este pretendia dar assim um modelo à Companhia, porque pensava que a vida de Santo Inácio era o fundamento da mesma Companhia (ver prólogo do P. Câmara, n. 4).

Os prólogos do P. Nadal e do P. Câmara, que antepomos à **Autobiografia**, referem-nos a maneira como ela foi escrita. O P. Luís da Câmara diz-nos que Santo Inácio se decidiu a narrar a sua vida, movido por um impulso interior, «falando de maneira que mostrava ter-lhe Deus concedido grande clareza em dever fazê-lo» (prólogo, n. 1) e que tinha determinado que fosse a ele que descobrisse estas coisas. A partir de então, o P. Câmara foi-lhe recordando todos os dias o seu compromisso, até que em Agosto de 1553, o santo deu início à sua narração.

Santo Inácio não referiu a sua vida ao P. Câmara de uma só vez, mas em três ocasiões, separadas entre si por um longo período de tempo. A primeira, de Agosto a Setembro de 1553; a segunda, em Março de 1555; a terceira em Setembro-Outubro do mesmo ano (n. 4-5 do prólogo).

A última conversa com Santo Inácio teve lugar entre os dias 20 e 22 de Outubro de 1555, véspera da partida do P. Luís da Câmara. Este, por causa da pressa, não teve tempo suficiente para

redactar as suas notas em Roma, e viu-se forçado a deixar esse trabalho para Génova, donde embarcaria para Portugal. Por não dispor, em Génova, de amanuense espanhol, foi obrigado a ditá-las em italiano. É esta a razão da passagem brusca para esta língua, a partir do n. 79.

O relato inaciano tem todas as garantias de fidelidade e veracidade. Conhecemos o modo de contar as coisas usado pelo santo, «que é com tanta clareza, que parece que torna a pessoa presente em tudo aquilo que se passou». Por seu lado, o P. Câmara, que tinha muito boa memória, uma vez ouvido o relato de Inácio, «ia imediatamente escrevê-lo..., primeiro em pontos da minha mão e depois mais longamente, como está escrito» (prólogo, n. 3).

A fidelidade estende-se às próprias palavras: «Esforcei-me por não pôr nenhuma palavra a não ser as que ouvi do Padre», e se alguma falta houve foi que, «para não me desviar das palavras do Padre, não pude explicar bem a força delas» (ib.). O próprio desalinho do estilo, nos leva à convicção de que não só os factos narrados, mas também as próprias palavras são de Inácio⁵.

⁵ «E ditava passeando, como sempre tinha feito antes» (Prólogo do P. Câmara, n.5). A palavra *ditar* não tem aqui o sentido que nós lhe damos, como pode ver-se por aquilo

Possuímos na íntegra o relato de Inácio? Não há razões para duvidar que sim. Mas temos motivos para pensar que falta algo no princípio, já que Santo Inácio contou ao seu confidente «toda a sua vida e as travessuras de mancebo, clara e distintamente com as circunstâncias» (prólogo, n. 2), e Câmara encerra todo este período da juventude de Iñigo na afirmação geral com que dá início à sua narração: «Até aos vinte e seis anos de idade, foi homem dado às vaidades do mundo, e deleitava-se principalmente no exercício das armas, com um grande e vão desejo de ganhar honra».

Em relação aos factos narrados na **Autobiografia** nota-se uma grande diversidade. Encontramos tanto factos externos da vida de Inácio, como fenómenos internos da sua vida mística de união com Deus. Há episódios secundários referidos com muitos pormenores e, pelo contrário, chama a atenção o silêncio sobre factos importantes. Por exemplo, entre os muitos dados que encontramos sobre a vida de Santo Inácio em Manresa, falta toda a indicação sobre a composição dos *Exercícios*, da qual só se dá uma ligeira insinuação no

que o mesmo P. Câmara nos diz no seu prólogo, n.3, acerca do modo como foi composta a Autobiografia. Noutras ocasiões usa outras palavras: «começou-me a *dizer* toda a sua vida» (ib.n.2), «o modo que o Padre tem de *narrar*» (ib.n.3).

fim do livro, já fora da narração cronológica dos factos (n. 99).

O que dissemos sobre a exactidão e fidelidade da **Autobiografia** não deve aplicar-se do mesmo modo às notas marginais que o P. Câmara escreveu mais tarde e que no texto colocamos entre colchetes e em itálico, como já dissemos. Ao falar da verdade histórica deste documento, pode perguntar-se se foi sujeito à revisão de Santo Inácio; mas esta pergunta só se pode fazer acerca da parte escrita em castelhano, a única que o P. Luís da Câmara redigiu em Roma. Há umas palavras no prólogo do P. Câmara que nos levam a pensar que Santo Inácio nem sequer soube que o seu confidente ia pondo por escrito aquilo que ele lhe contava. Afirma ele que, depois de ouvir o Santo, «vinha logo imediatamente a escrevê-lo, *sem dizer nada ao Padre, primeiro em pontos da minha mão...*» (prólogo, n. 3).

Sabemos, contudo, por testemunho do P. Ribadeneira, que se fizeram cópias da **Autobiografia** antes de o P. Câmara ter saído de Roma, no dia 23 de Outubro de 1555, e que Santo Inácio mandou que se desse uma ao P. Ribadeneira. Se assim é, não parece improvável que Santo Inácio tenha visto o escrito do P. Câmara. Contudo, não temos provas de que o corrigisse ou revisasse.

* * * * *

A **Autobiografia** inaciana chegou até nós em várias cópias manuscritas. Não se conservaram nem os pontos breves tomados pelo P. Câmara, imediatamente depois de os ouvir de Inácio, nem a redacção mais extensa feita posteriormente. Contudo, as cópias que possuímos são antigas e de grande valor. Entre todas merece preferência a que possuiu o P. Jerónimo Nadal (designamo-la por *texto N*), levando-a consigo, mesmo nas viagens fora de Itália. Não tem o prólogo do P. Câmara, mas além de nos oferecer o texto autobiográfico íntegro, contém também 13 anotações marginais postas por Luís da Câmara posteriormente. Constituem, por assim dizê-lo, uma terceira redacção do texto.

Além do texto em espanhol e italiano, possuímos cópias das traduções latinas escritas uma pelo P. du Coudret e outra pelo P. João Viseto. A tradução do P. du Coudret foi feita, com toda a probabilidade, entre os anos 1559-1561, durante os quais o tradutor esteve no Colégio Romano. Tem ainda o interesse de ter sido corrigida pelo P. Nadal.

* * * * *

Hoje pode parecer-nos inexplicável o facto de a **Autobiografia** ter sido publicada somente no século XVIII, e mesmo nessa altura segundo a tradução do P. du Coudret, e que o seu texto original só tenha aparecido em 1904, pela mão dos editores de *Monumenta Historica Societatis Iesu*. Neste texto aparecem somente as línguas originais; mas na nova edição, feita em 1943, pareceu útil publicar simultaneamente a tradução latina.

Nos princípios da Companhia, houve dificuldade em que se difundisse o texto original da **Autobiografia**. Quando S. Francisco de Borja, em 1566, encarregou oficialmente o P. Ribadeneira de escrever a *Vida de Santo Inácio*, mandou que se recolhessem todos os exemplares existentes do relato inaciano, e até proibiu que se lessem e difundissem. A razão que Ribadeneira dava desta proibição era que «sendo coisa imperfeita [no sentido de inacabada ou fragmentária], não convinha que estorvasse a fé daquilo que se escreve mais perfeitamente». Na realidade, a *Vida de Santo Inácio* escrita pelo P. Ribadeneira não é, em grande parte, mais que a **Autobiografia** posta em estilo clássico castelhano.

Devemos aos Bolandistas⁶ o mérito de terem arrancado do esquecimento o principal documento narrativo sobre a vida de Santo Inácio. Foi o P. João Pien o autor do erudito *Commentarius praeivus* que enriquece o tomo sétimo dos *Acta Sanctorum Iulii*.

⁶ Eram designados por Bolandistas os escritores que com melhor crítica estudaram as vidas dos santos. O seu nome vem do P. João van Bolland, organizador da sociedade em 1630.